



Revista Eletrônica de Filosofia
Philosophy Eletronic Journal
ISSN 1809-8428

São Paulo: Centro de Estudos de Pragmatismo
Programa de Estudos Pós-Graduados em Filosofia
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
Disponível em <http://www.pucsp.br/pragmatismo>

Vol. 13, nº. 1, janeiro-junho, 2016, p.115-119

A INTERDISCIPLINARIDADE ENTRE FILOSOFIA E CIÊNCIA: UMA RESENHA DE *INTERFACES DA FILOSOFIA CONTEMPORÂNEA*

Felipe Carvalho Novaes

Graduando do curso de Psicologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Membro estudante do Grupo de Pesquisa Filosofia da Mente e Ciências Cognitivas (CNPq) do Centro Universitário para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí (UNIDAVI).
felipecarvalho.n@gmail.com

Daniel Foschetti Gontijo

Professor do departamento de Psicologia da Faculdade Pitágoras de Belo Horizonte. Membro pesquisador do Grupo de Pesquisa Filosofia da Mente e Ciências Cognitivas (CNPq) do Centro Universitário para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí (UNIDAVI).
gontijo.daniel@gmail.com

Resumo: A Filosofia é uma disciplina milenar que provê refinamento e rigor metodológico às reflexões humanas, tendo por isso sido a centelha criadora do que hoje se estabeleceu como método científico. Entretanto, diversos cientistas atualmente alegam que a ciência tornou a Filosofia obsoleta. Indo numa direção exatamente oposta, *Interfaces da Filosofia Contemporânea* é uma obra introdutória que explora o poder da reflexão filosófica sobre áreas como a Psicologia, a Neurociência, a Robótica e a Linguística, revelando que o fazer científico está intimamente associado ao fazer filosófico.

Palavras-Chave: Psicologia. Neurociência. Lógica. Robótica.

Abstract: *Philosophy is an ancient discipline that provides refinement and methodological accuracy to human reflections. It has been therefore the creative spark of what is now established as scientific method. However, many scientists now argue that science has made philosophy obsolete. Going exactly in the opposite direction, Interfaces da Filosofia Contemporânea is an introductory work that explores the power of philosophical reflection on areas such as Psychology, Neuroscience, Robotics and Linguistics, revealing that the scientific work is closely associated with the philosophical work.*

Keywords: *Psychology. Neuroscience. Logic. Robotics.*

* * *

Interfaces da Filosofia Contemporânea é uma publicação que se preocupa em trazer ao público os temas mais atuais em vários setores da Filosofia, o que também

inclui discussões sobre áreas de fronteira com a ciência. Com isso, revela que a Filosofia está longe de ter se tornado um campo estéril e ultrapassado do conhecimento.

No primeiro capítulo, é aberta uma discussão a respeito da Filosofia da Linguagem e de sua aplicação no desenvolvimento de sistemas em robôs, isto é, na elaboração de um sistema robótico que use a linguagem de forma tão natural quanto os seres humanos. Nesse cenário, a Lógica também é apontada como área de estudo fundamental, pois para haver comunicação e análise do discurso por parte dos robôs, é preciso que se entenda as suas leis (ou que se opere por meio delas). Entretanto, também são apontados alguns dos problemas que a linguagem estritamente lógica pode acarretar para o sistema.

Toda essa discussão é importante por dois motivos: (1) fornece uma vaga, porém suficiente, noção da complexidade que há em simular a linguagem humana e (2) mostra a salutar e necessária parceria filosófica junto a áreas pragmáticas como a Ciência Computacional. Apesar de as discussões sobre a relação homem-máquina remontarem a Descartes, temos ainda hoje muita controvérsia na área, e também grande progresso graças às pesquisas sobre Inteligência Artificial, que envolvem também uma dose de reflexão filosófica. E por mais que tenhamos o empirismo científico motivado a elucidar tais questões, permanecem muitos desafios pertinentes à Filosofia da Mente, isto é, questões que, antes de serem empíricas, são conceituais (TEIXEIRA, 2005). Essa exposição (2) é de suma importância especialmente no contexto dos últimos anos, em que alguns cientistas vieram a público defender a obsolescência do pensamento filosófico em virtude de uma suposta superioridade científica (PIGLIUCCI, 2014).

O segundo capítulo discorre sobre o papel do filósofo escocês David Hume na exposição das diferenças entre conhecimento sintético e analítico e nas dificuldades em se tratar um sob as leis do outro. O conhecimento analítico é todo aquele dedutível logicamente, independente de dados empíricos (como a geometria e a lógica); já o sintético tem a ver com os fatos empíricos, isto é, com aquilo que podemos apreender do mundo pelos sentidos. Por exemplo, é deduzível logicamente que $1 + 1 = 2$, e isso seria verdade ainda que não houvesse nenhuma prova empírica. Por outro lado, não é uma afirmação lógica dizer que o Sol nascerá amanhã só porque ele vem sempre nascendo após se pôr, desde que nosso planeta existe; este é, por excelência, um fato empírico, sintético, mas não vem das leis da lógica, apesar de sua coerência factual, experiencial.

A filosofia de Hume, portanto, tem uma consequência muito importante para o modo como entendemos o conhecimento empírico. Chegamos à conclusão de que não conhecemos verdadeiramente nada sobre o mundo – pelo menos não no mesmo sentido do conhecimento analítico. O que podemos ter é o acesso aos padrões, às regularidades dos acontecimentos. É desse modo que deduzimos que o Sol nascerá amanhã, ou que uma bola de bilhar pode mover outra ao se chocar contra ela. Porém, não existe uma lei lógica que nos obrigue a inferir isso. Assim, esses hábitos acabam se tornando *crenças* na medida em que se repetem. Por se repetirem é que passamos a acreditar que, por exemplo, as leis da física são universais. No entanto, hoje a Cosmologia entende que as leis da natureza não são sempre as mesmas, como é o caso da singularidade de um buraco negro ou do *Big Bang* (HAWKING, 1993). Os próprios dados empíricos nos mostram que os padrões que percebemos são somente isso, padrões.

O próximo capítulo trata de um tema muito caro à Filosofia da Mente e à Psicologia, que é a diferença entre *explicação* e *compreensão*. A explicação nos

remete a uma tradição galileana, embasada num universo regido pela causalidade. Do século XIX até meados do XX, muitos estudiosos da área de Humanas tentaram importar esse pressuposto ontológico das ciências físicas. Essa tendência se mostrou, inclusive, influente na Psicologia, principalmente com Wundt, considerado o criador da Psicologia enquanto disciplina científica, experimental, realizada em laboratório. O termo “compreensão”, por outro lado, foi tomado pela escola hermenêutica como uma opção metodológica e ontológica para o estudo da conduta humana. A ideia é que, ao se tratar do comportamento humano, não podemos traçar linhas de causa e efeito no mesmo sentido que fazemos com os objetos de estudo da Física. O que fazemos, segundo a hermenêutica, é determinar os *motivos* para a conduta humana, não suas *causas*. Essa diferença é o corolário que rege o Humanismo na Filosofia e na Psicologia.

Alguns pesquisadores tentaram, entretanto, eliminar essa disparidade metodológica e epistemológica entre humanidades e as ciências duras. David Davidson avança que estados mentais são estados físicos, apesar de a sua descrição em termos neurofisiológicos pouco elucidar as causas do comportamento, sendo de mais valia estabelecer o contexto histórico e social a fim de compreender dada manifestação comportamental. Entretanto, as críticas ao seu trabalho especulam que sua concepção sobre a mente não passa de um epifenomenalismo, pois, apesar de estabelecer que os atributos mentais sejam físicos, Davidson não fornece nenhuma explicação a respeito do modo como estes geram o comportamento.

O problema suscitado pela filosofia de Davidson é onipresente principalmente na Psicologia. A maioria das abordagens na área aceita que estados mentais são físicos, mas ao mesmo tempo existem enormes dificuldades para explicar de que modo seriam físicos, já que não há consenso sobre até que ponto esses estados seriam idênticos ou não aos estados físicos do cérebro. Sendo assim, a construção teórica de Davidson parece construir apenas um paliativo para essa questão maior que não foi solucionada e perpassa várias áreas do conhecimento. Um trabalho que solucionasse essa situação problema seria de grande valor, pois acabaria com a promiscuidade interpretativa e epistemológica em que muitos trabalhos na Psicologia e na Neurociência atualmente caem.

O quarto capítulo versa sobre as distinções e complementaridade entre Lógica Clássica e Lógica Paraconsistente, sendo ambas ferramentas bastante usadas tanto em áreas tecnológicas quanto na de ciências humanas. A Paraconsistente lida com situações em que as leis da Clássica se tornam incoerentes. Na robótica, por exemplo, seria essencial no sistema sensorial de um robô que precisasse escolher entre conclusões paradoxais entre seus sentidos, como ao visualizar uma parede de vidro indetectável pela visão, mas pelo sonar. Se funcionasse de acordo com a Lógica Clássica, a máquina estaria em apuros, pois ficaria paralisada entre duas decisões paradoxais, a de seguir em frente e a de parar. Alguns pesquisadores acreditam que o cérebro humano funciona de modo semelhante à Paraconsistente, sendo também uma boa opção para embasar soluções de dilemas morais.

Esse capítulo nos leva a supor que a tentativa de entender o pensamento humano dentro de um sistema lógico ainda não foi abandonada. Investimentos desse tipo podem se relacionar com trabalhos em Inteligência Artificial, como descrito no primeiro capítulo, montando máquinas que cheguem mais perto de simular a capacidade linguística humana e, conseqüentemente, de se aproximar do funcionamento da mente humana.

No capítulo 5, adentrando na Psicologia de fato, são expostos os pressupostos básicos da filosofia do comportamento de Skinner, o Behaviorismo Radical, os quais são posteriormente atacados. Se analisarmos o motivo pelo qual um animal faminto busca alimento, podemos citar os seguintes passos causais: (1) a privação de comida; (2) o estado interno, fisiológico, de fome; e, finalmente, (3) o ato de comer. Para Skinner, só precisaríamos de (1) e (3) para explicar qualquer comportamento. Ambos são passíveis de observação, o que os constitui como objetos de uma ciência empírica, enquanto (2) depende da inferência do observador, tornando-o ponto obscuro para qualquer ciência natural. Não bastaria, também, que pudéssemos saber da fome do animal analisando dados fisiológicos sobre sua fome. Para determinar o motivo pelo qual o animal comeu, bastaria apontarmos sua privação de alimento. Esse é o caso no condicionamento por estímulos incondicionados. Para o condicionamento operante, acrescentamos um passo (4), isto é, as consequências de dado comportamento, que podem ser reforçadoras ou não. Caso sejam, o organismo tende a repetir a ação. É como uma criança que chora quando quer alguma necessidade atendida (como atenção dos pais). Caso essa estratégia funcione, o comportamento do choro é reforçado e a criança o repete sempre que quer atenção.

Algumas críticas são citadas no capítulo. A primeira delas é sobre a teoria de Skinner não ser explicativa. Para que uma teoria seja realmente explicativa, deveria contar com elementos que a tornassem intuitiva, isto é, seus componentes devem encerrar em si mesmos as possibilidades de explicação. No caso da teoria behaviorista, Skinner entende que o elemento subjetivo do comportamento é irrelevante, ou seja, aquele que ficaria na cadeia causal entre a privação de fome e o comportamento de finalmente comer. Bom, é claro que um organismo tende a se alimentar ao passar por um período de privação de alimento; o problema está em ignorar o fato de que a experiência do sujeito serve de variável mediadora. Skinner não aceitava que isso se trata de um “fato científico”, uma vez que não se pode confirmar a hipótese de que os eventos privados causam o responder público. E, dentro dos moldes de sua ciência, o poder causal da fome não pode ser cientificamente considerado.

De certo modo, a crítica do autor, apesar de coerente, parece partir de pressupostos distintos dos de Skinner. O cientista parecia partir do princípio de que a experiência subjetiva da fome não constitui fato relevante para a descrição e previsão do comportamento objetivo, do ato de comer, enquanto o crítico entende que essa experiência é fundamental na explicação de qualquer fenômeno humano. Além disso, o autor argumenta que, à maneira behaviorista, (1) e (3) seriam nada mais que maneiras de concluir que o animal sentiu (2) fome, mas sem dizê-lo expressamente.

Nessa coleção de críticas bem argumentadas, se soma o mau uso do mecanismo da evolução como pano de fundo para o behaviorismo. Skinner afirma que um (3) comportamento tem sua origem no (4) reforço. A evolução, por outro lado, agiria de uma forma análoga, sendo responsável pela origem de nossa estrutura anatômica. O erro dessa comparação estaria na pressuposição de que a evolução é responsável pela origem de algo, assim como o de que o comportamento só existe por causa do reforço. Entretanto, aqui o crítico parece não se dar conta de que, na verdade, por “origem” Skinner costumava se referir ao surgimento de uma classe de respostas, e não à primeira resposta dessa classe – tal como os biólogos se referem à origem de espécies, e não de indivíduos que “inauguraram” novas espécies. No mais, o autor critica a noção de finalidade, pois afirma que não se pode

falar em comportamento intencional sem mencionar a subjetividade – algo que o Behaviorismo Radical evita ao máximo.

No capítulo seguinte existe uma breve exposição da história do termo “inteligência artificial”, bem como suas levemente diferentes proposições. Apesar de sua característica elementarmente descritiva, o capítulo é interessante sobretudo para aqueles interessados em robótica e em Filosofia da Mente. Serve para posicionar o leitor quanto aos conhecimentos básicos de I.A. que podem ser usados para refletir sobre como a mente humana poderia ser (ou funcionar) em relação à operação de um organismo cibernético. Sem dúvida é uma discussão atual nos campos da Filosofia, Psicologia e Neurociência.

Na última parte do livro, ficamos com uma reflexão concisa, porém atual e eficiente, sobre a relação entre o jornalismo científico e a divulgação científica em si. São ressaltadas as controvérsias que existem entre o cientista divulgador e o divulgador jornalista, que por vezes entram em atrito por conta da diferença de objetivos. Devido à natureza distinta do trabalho de ambos, a divulgação de um trabalho acadêmico pode sair de maneira tão modificada que no final sequer tenha relação com o estudo original.

Conclusão

Interfaces da Filosofia Contemporânea traz consigo reflexões sobre os temas mais discutidos recentemente por filósofos e cientistas. Seu principal acerto é ser constituído por capítulos que abordam temas fronteiriços, tais como os que se relacionam à Psicologia, às Neurociências e à Inteligência Artificial, bem como por trazer à luz a quase não discutida questão sobre como as descobertas científicas são divulgadas pelos jornalistas. Desse modo, o livro provavelmente satisfará a todos aqueles que entendem que a reflexão filosófica tem papel primordial no desenvolvendo de qualquer área pragmática, dos meios tecnológicos às ciências humanas. E, para aqueles que ainda não estão convencidos disso, ler a obra será uma excelente oportunidade para rever velhos pressupostos.

* * *

Referências:

MACHADO, Nivaldo; AMARANTE, Monique B. do; CUNHA, Denize C. da. **Interfaces da filosofia contemporânea**. Rio do Sul: Unidavi, 2013.

PIGLIUCCI, Massimo. Neil deGrasse Tyson and the Value of Philosophy. **The Huffington Post**, 16 maio 2014. Disponível em: <http://www.huffingtonpost.com/massimo-pigliucci/neil-degrasse-tyson-and-the-value-of-philosophy_b_5330216.html>. Acesso em: 17 dez. 2014.

TEIXEIRA, João de Fernandes. **Filosofia da mente**: neurociência, cognição e comportamento. Claraluz, 2005.

HAWKING, Stephen W. Hawking on the big bang and black holes. Advanced Series. In: **Astrophysics and Cosmology**, v. 8. World Scientific, 1993.